

A map of the Middle East region, showing countries like Turkey, Iraq, Iran, and Afghanistan. Two pushpins are placed on the map: one with the flag of Israel (white with blue stripes and a blue Star of David) and another with the flag of Iran (green, white, and red horizontal stripes with a red emblem in the center).

ARTIGO

O LONGO JUNHO DO ORIENTE MÉDIO: Impactos do Conflito Irã-Israel no Setor de O&G e Reflexões para o Brasil

AUTORA

João Victor Marques

Luiza Guitarrari

Este artigo expressa as opiniões dos autores, não representando necessariamente a opinião institucional da FGV

Introdução

Em junho de 2025, a rivalidade histórica entre dois importantes atores regionais, Israel e Irã, escreveu mais um capítulo na história das relações internacionais, revelando que a defesa da soberania e a disputa pelo poder permanecem interesses vitais ao Estado.

A geopolítica do Oriente Médio experimentou um (novo) acirramento de tensões diplomáticas e militares a partir de outubro de 2023 quando forças ligadas ao Hamas penetraram em solo israelense, seguido pelo transbordamento de ataques a partir de aliados como o Hezbollah, no Líbano, e os Houthis, no Iêmen, em apoio à causa palestina – todos com vínculos diretos ou indiretos com o Irã.

Entretanto, uma guinada a partir de abril de 2024 provocada pelo ataque à Embaixada do Irã na Síria motivou o primeiro embate direto entre Irã e Israel, que se replicou em outubro daquele ano após a morte dos principais líderes do Hezbollah e do Hamas, e, finalmente, a prolongada ofensiva em junho de 2025, quando as Forças Armadas de Israel e do Irã realizaram múltiplos ataques aéreos entre si. O objetivo veiculado pelo Governo de Israel, motivado por autodefesa, seria neutralizar o programa nuclear iraniano e impedir sua destinação para fins não-pacíficos.

O ataque foi sucedido por dias de intensa atividade militar e cibernética de ambos os lados, culminando na destruição de instalações estratégicas do setor de energia, sobretudo aquelas ligadas à atividade nuclear. Os confrontos fragilizaram as perspectivas de retomada das negociações entre Estados Unidos e Irã, acerca do Plano de Ação Conjunto Global (JCPOA, na sigla em inglês), que assegura que o programa nuclear do Irã seja exclusivamente pacífico em troca da suspensão de sanções econômicas e financeiras contra o país¹. Outras implicações do conflito estão atreladas ao mercado global de petróleo, que experimentou um aumento substancial dos preços, pela perspectiva de restrição do fornecimento de petróleo e gás e, contração da oferta.

Nesse panorama, o presente artigo examina os principais desdobramentos do conflito entre Irã e Israel para o mercado de Óleo & Gás e seus efeitos geopolíticos, tanto no Oriente Médio quanto para aliados estratégicos de ambas as partes em conflito, com ênfase na China e nos Estados Unidos. O artigo também analisa em que medida o referido conflito pode impactar o mercado brasileiro.

1. Panorama do conflito Irã e Israel

O conflito direto entre Irã e Israel teve início em 1º de abril de 2024, quando um ataque aéreo israelense atingiu a embaixada iraniana em Damasco (Síria), matando um alto comandante do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica do Irã¹ e desencadeando uma escalada sem precedentes entre os dois países². O ataque foi considerado o “primeiro embate direto” entre Irã e Israel, desde início da guerra entre Israel e o Hamas em

¹ O JCPOA é um acordo assinado em 2015 entre o Irã e o P5+1 (Estados Unidos, Reino Unido, França, Rússia e China, + Alemanha), além da União Europeia. Os EUA, porém, se retiraram do acordo em 2018 e reintroduziram sanções contra o Irã.

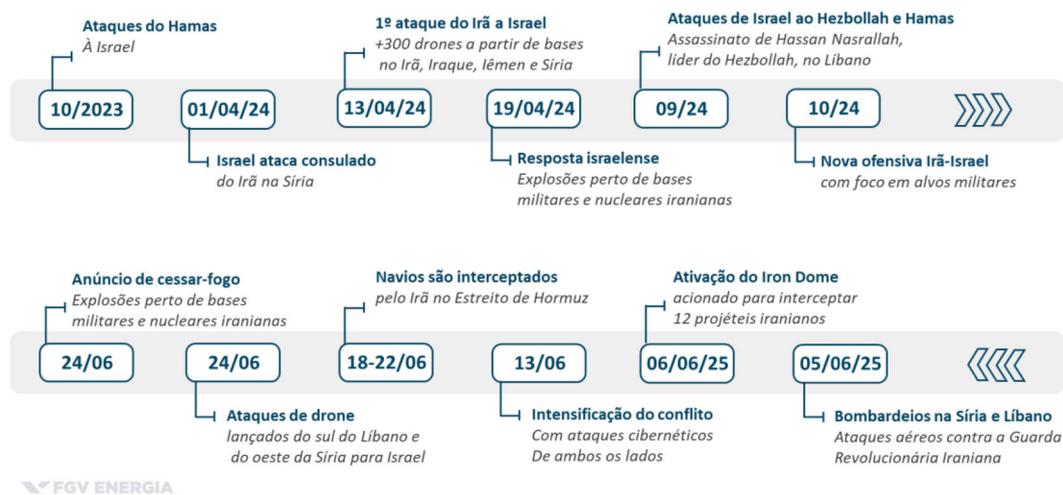
² A morte do Comandante Militar iraniano foi definida como o segundo ataque a um oficial de alta patente desde o Major-General Qassem Soleimani, assassinado pelos Estados Unidos no Iraque em 2020.

outubro de 2023, além de ser a primeira vez que forças israelenses atacam um alto oficial iranianoⁱⁱ. Dias mais tarde ao ataque, o Irã respondeu realizando o primeiro ataque direto de sua história a Israel, tendo empregado pouco mais de 300 drones e mísseis a partir de bases em seu território e países da região, como o Iraque, Iêmen e Síria.

Em outubro de 2024, a morte de Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah, em virtude de ataques de Israel no Líbano, seguido pelo líder do Hamas, Yahya Sinwar, igualmente por ataque israelense em Gaza, provocaram nova onda de ofensivas aéreas Irã-Israel. Esses ataques, porém, foram concentrados em alvos militares e desescalaram para pontos de menor relevância estratégica e baixos danos provocados.

Em 13 de junho de 2025, as tensões entre Irã e Israel entrou em sua fase mais beligerante, caracterizada por intensos ataques aéreos perpetrados por ambas as partes contra alvos além dos militares e sob a prerrogativa israelense de impedir o avanço do programa nuclear iraniano. Na ocasião, mais de 200 caças israelenses atacaram bases militares e plantas nucleares no Irã, provocando a morte de diversos oficiais militares e cientistasⁱⁱⁱ. A retaliação por parte do Irã ocorreu horas mais tarde, com centenas de mísseis balísticos contra cidades israelenses. As ofensivas promovidas pelos países duraram cerca de 12 dias, com o envolvimento dos Estados Unidos, próximo ao 10º dia de conflito, que realizaram ataques surpresa a três instalações nucleares no Irã, localizadas em Isfahan, Fordo e Natanz^{iv}.

Figura 1: Linha do Tempo do Conflito Irã-Israel



Fonte: Elaboração própria

Os impactos sobre o programa nuclear iraniano permanecem pouco elucidativos, em virtude de uma guerra de narrativas que acomete o próprio governo dos EUA, entre a plena obliteração das instalações e o atraso provocado em alguns meses para o desenvolvimento de bombas nucleares. O resultado efetivo, entretanto, é o desígnio iraniano em se retirar do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP) com ganhos políticos para alas conservadoras e, portanto, reticentes a um acordo com o Ocidente.

Porém, após o envolvimento direto dos EUA e a retaliação “simbólica” do Irã contra a base aérea estadunidense *Al Udeid* no Catar, foi anunciado um cessar-fogo pelo Governo de Donald Trump, alegando que as negociações entre as partes em conflito

foram mediadas por Catar e Estados Unidos. Apesar do cessar-fogo em andamento, o risco de medidas ameaçadas pelo Irã se concretizar permanecem, como a retirada do TNP e o bloqueio militar da navegação no Estreito de Hormuz, que acarretaria impactos substanciais sobre o setor energético global.

2. Contexto energético da região

O Oriente Médio é uma região geográfica que concentra as principais reservas de Óleo & Gás do planeta, lar dos maiores exportadores de petróleo da atualidade. A região é cercada por importantes corpos marítimos, que correspondem às principais rotas de escoamento de produtos e comercialização de recursos estratégicos, como é o caso do petróleo e gás. As rotas, comumente atravessam os principais *choke points*, que escoam, em média 38,3 MMbbl/d de petróleo^v. Estes, constituem pontos vitais para a segurança energética mundial, cuja restrição na navegação podem representar riscos diretos à oferta de energia ao mercado e, refletir nos preços praticados das *commodities*, tanto os granéis sólidos quanto os líquidos.

Especificamente no caso do Irã e de Israel, a proximidade geoestratégica dos principais *choke points* da região, cujas rotas marítimas são de suma importância para o mercado global de energia e logística, não somente associadas ao comércio exterior, mas também militar, provocam efeitos em preço e movimentação física no mercado de petróleo e GNL.

No caso do Irã, o país é um importante ator capaz de influenciar a navegação por meio do Estreito de Hormuz, que é considerado uma localização estratégica entre os Golfos Pérsico, de Omã e o Oceano Índico (MARINI, 2024)^{vi}. A rota marítima, ao menos para países como o Catar, Iraque e Kuwait, constitui uma das únicas alternativas por mar para o escoamento de produtos. Outros países como Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos (EAU) e Irã possuem alternativas logísticas, porém bastante limitadas.

O *choke point*, segundo dados da U.S. Energy Information Agency (EIA), escoou em média 20,9 MMbbl/d de petróleo, em 2023, sendo responsável por 1/4 de todo o petróleo transportado por navios-tanque em todo o mundo^{vii}. Desse volume, cerca de 83% foram destinados para a Ásia, em ordem decrescente: China, Índia, Japão e Coreia do Sul.

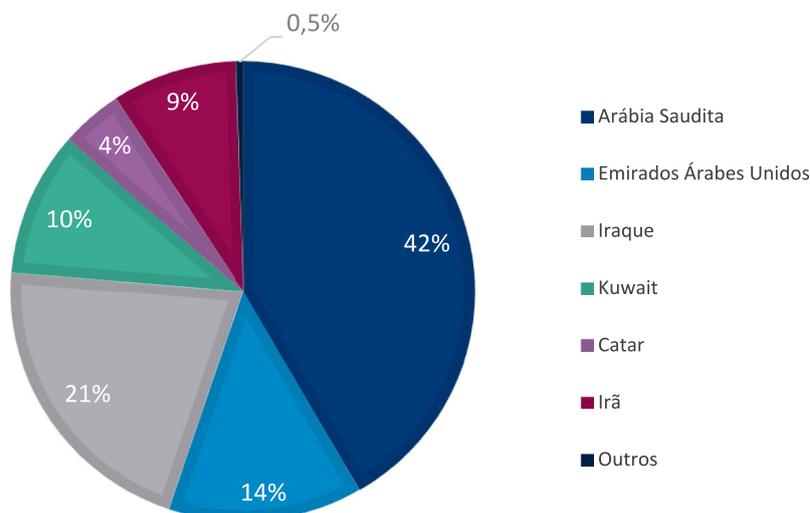
Figura 2: Mapa da região do Oriente Médio



Fonte: Elaboração própria com dados da World Oil Transit Chokepoints (EIA), 2025

Nesse Estreito, a Arábia Saudita é o principal exportador, com cerca de 6,2 MMbbl/d em 2023, o que representa 42% de todo o volume escoado por demais países do entorno. Por sua vez, o Irã é considerado o 5º maior exportador de petróleo, por meio desse choke point, com uma participação de 9%.

Gráfico 1: Exportação de Petróleo no Estreito de Hormuz por país



Fonte: elaboração própria com dados da EIA

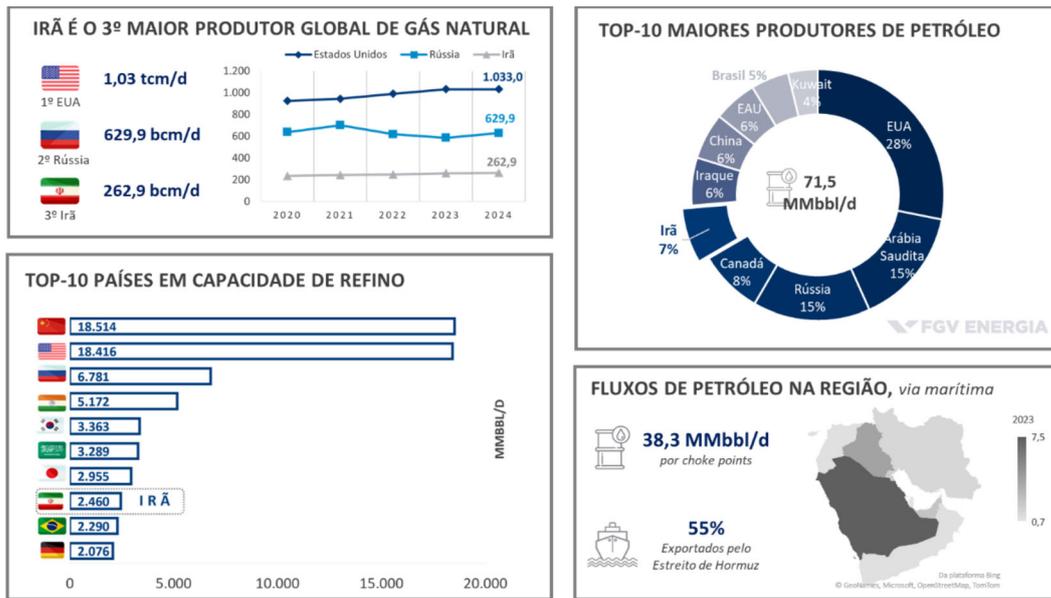
Em caso de um bloqueio do Estreito de Hormuz, uma das únicas soluções imediatas para continuidade do escoamento de petróleo ocorreria por meio de oleodutos localizados na Arábia Saudita e nos EAU, capazes de circunscrever a rota. O oleoduto Leste-Oeste, por exemplo, é operado pela *Aramco* e possui capacidade para transportar até 5 MMbbl/d de petróleo e ser escoado no Mar Vermelho.

Tendo em vista a importância dos corpos marítimos para o comércio global de petróleo, possíveis ataques ou bloqueios a navios que transitam na região, seja pelas partes em conflito ou por guerras de procuração realizadas por grupos como os Houthis no Iêmen, podem provocar volatilidade nos preços. Assim, as subseções seguintes serão centradas nos impactos do conflito entre Irã e Israel aos mercados de petróleo e gás.

2.1. Impactos ao mercado global de petróleo e gás

Embora Israel não seja um produtor relevante de óleo e gás, o conflito iniciado em outubro de 2023 após os ataques do Hamas pressionou os preços do petróleo em razão do risco de transbordamento para países produtores e exportadores do Oriente Médio. Esse risco se concretizou com o envolvimento do Irã e suas repercussões mais profundas a toda região, que concentra ao menos cinco dos dez maiores produtores globais de petróleo (Ver Figura 3). No caso do petróleo escoado por via marítima no Oriente Médio, ao menos 55% atravessam o Estreito de Hormuz, sob forte influência de autoridades portuárias iranianas.

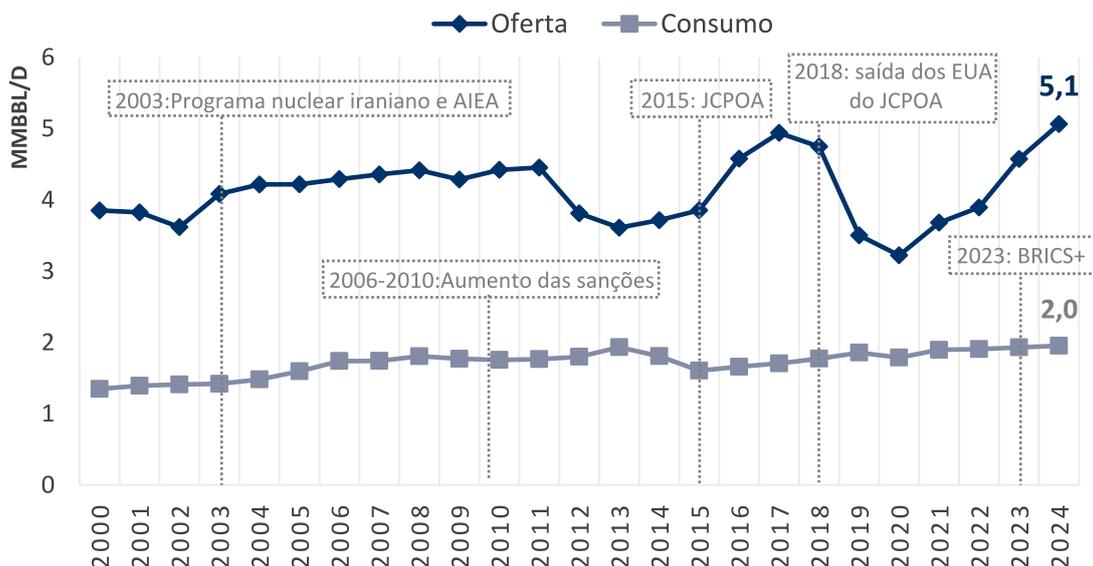
Figura 3: Infográfico da oferta de O&G do Oriente Médio em 2024



Fonte: Elaboração própria com dados do Statistical Review of World Energy 2025.

Para o Irã, o conflito não afetou diretamente a sua Indústria de Óleo e Gás, que conta com parceiros na Ásia para equilibrar suas receitas e estimular a produção interna. Desde o fim da pandemia de COVID-19, o aumento da demanda asiática por petróleo iraniano em meio às sanções comerciais impostas pelos Estados Unidos tem contribuído para o crescimento das receitas e fomento ao segmento *upstream*, tendo atingido 5,1 MMbbl/d de petróleo em 2024^{viii}.

Gráfico 2: Oferta e consumo de petróleo iraniano



Fonte: Elaboração própria com dados do Statistical Review of World Energy 2025.

Em relação aos preços *spot* de petróleo, o padrão Brent e WTI atingiram, em maio de 2025, os valores mais baixos da série histórica dos últimos cinco anos, devido às

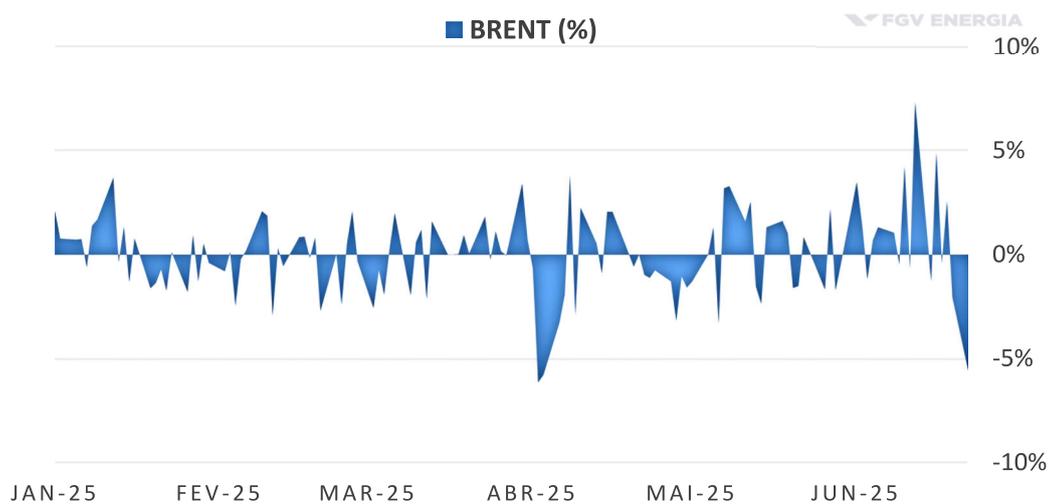
incertezas do mercado global de energia com as tarifas comerciais aplicadas pelos EUA e perspectivas de desaceleração da demanda^{ix}. À época dois fatores geopolíticos relevantes contribuíram para desaceleração dos preços.

O primeiro diz respeito a retomada das negociações sobre os termos do acordo de cessar fogo entre Rússia e Ucrânia. O outro fato estava atrelado às tratativas diplomáticas entre o Irã e os Estados Unidos, sobre o acordo de uso da fonte nuclear para fins pacíficos, no âmbito do JCPOA. Nesse período, analistas previam a manutenção dos preços na faixa dos US\$ 50-60/bbl ao longo dos meses seguintes.

Além disso, as condições estruturantes de oferta e demanda global permanecem “confortáveis” com o crescimento da oferta não-OPEP+, a liberação dos ajustamentos de produção da OPEP+ e a desaceleração da demanda global. Esses fatores minimizaram a subida mais agressiva dos preços em meio ao risco geopolítico deflagrado pela guerra Irã-Israel, comparado aos efeitos da invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022.

O ataque realizado por Israel em 13 de junho de 2025 e a perspectiva de um contra-ataque do Irã contribuíram para o aumento nos preços de petróleo, que registraram acentuadas oscilações para cima na primeira quinzena de junho (ver Gráfico 3).

Gráfico 3: Variação no preço de Petróleo BRENT jan-jun 2025



Fonte: Elaboração própria com dados da EIA, 2025.

A sinalização do acordo de cessar-fogo entre as partes em conflito contribuiu para arrefecer a pressão sobre os preços de petróleo, uma vez que não houve restrições no fornecimento de petróleo e gás, até a publicação desse artigo. Contudo, caso o acordo seja violado e a escalada do conflito seja retomada, há um risco de envolvimento de mais atores, sejam internos (do entorno estratégico) quanto externos, o que poderia culminar na restrição dos fluxos de petróleo.

3. Desdobramentos geopolíticos

Em vista do peso geopolítico das partes em conflito e seu entorno estratégico sobre o mercado de energia e, sua capacidade em influenciar os fluxos de hidrocarbonetos, as

subseções seguintes se debruçarão em analisar o impacto do conflito em **nível regional** (Oriente Médio), além de atores externos, como a **China** e os **Estados Unidos**.

3.1. Impactos no entorno estratégico do Oriente Médio

Os impactos sobre os atores internos do conflito sinalizaram a capacidade de Israel em atuar em múltiplos *fronts*, facilitada pela narrativa do direito de autodefesa após o ataque do Hamas em outubro de 2023 e replicada sobre os demais grupos pertencentes ao Eixo da Resistência apoiado pelo Irã. Logo, o conflito se desdobrou a todas as ameaças existentes à Israel e, portanto, a estratégia para eliminar essas ameaças ganhou força política internamente.

Porém, a continuidade do conflito e os impactos humanitários à população palestina em Gaza interromperam o movimento precedente de reconhecimento oficial do Estado de Israel por países árabes, a exemplo do diálogo até então em andamento com a Arábia Saudita. Dessa forma, agravou-se o consenso histórico dos países da Liga Árabe contrários à existência do Estado de Israel e o apoio à causa palestina, intensificando o isolamento diplomático de Israel na região.

Esse contexto, portanto, facilitou a condenação por todos os países árabes, além da Turquia, da violação das normas internacionais e da agressão à soberania do Irã perpetrados por Israel, ainda que o Irã seja um antagonista regional para diversos países no entorno, sobretudo a Arábia Saudita.

Em junho de 2025, o Ministério das Relações Exteriores da Arábia Saudita declarou que o Reino “expressa sua forte condenação e denúncia de flagrante agressão israelense contra a fraternal República Islâmica do Irã (...)”^x. Igualmente, o Presidente da Turquia, Recep Erdoğan, declarou que “Israel levou sua estratégia de afogar nossa região, especialmente Gaza, em sangue, lágrimas e instabilidade a um estágio muito perigoso” e se refere aos ataques “ao nosso vizinho Irã” como “provocação clara que desrespeita o direito internacional”^{xi}.

A denúncia oficial contra Israel, entretanto, oculta a percepção de ganhos estratégicos, sobretudo para os sauditas, com o enfraquecimento do programa nuclear iraniano e das forças paraestatais apoiadas pelo Irã, além da queda do regime de Bashar al Assad, na Síria, que era um histórico aliado da República Islâmica e, inclusive, da Rússia. Ademais, os Sauditas denunciaram o Irã em diferentes ocasiões por apoiar o terrorismo e cortaram relações diplomáticas com o Catar entre 2017 e 2021 devido às estreitas relações desenvolvidas com aquele país.

Por fim, embora a Arábia Saudita tenha alterado seu posicionamento em favor de uma negociação Irã-EUA, buscando construir um perfil de mediador na região, os sauditas se opuseram inicialmente a um acordo nuclear com o Irã, tal como formalizado pelo JCPOA em 2015^{xii}. Naquele momento, a relação bilateral com os EUA foi abalada e, portanto, a decisão de Washington em se retirar do acordo em 2018 teve o apoio saudita, expondo a fragilidade do JCPOA em tentar equilibrar interesses inconciliáveis de potências internas e externas no Oriente Médio.

3.2. Atores externos ocidentais: o posicionamento dos Estados Unidos

O agravamento da histórica tensão entre Estados Unidos e Irã pode se propagar, mais uma vez, por um período indefinido, justificando as estratégias políticas de ambos os lados. Após o breve entendimento que facilitou o JCPOA, com ganhos para grupos políticos reformistas e moderados nos dois países, a retirada dos EUA do acordo e a reimposição de sanções, em 2018, contribuiu para ampliar a desconfiança mútua, provocando mudanças políticas no Irã favoráveis aos conservadores.

Além do alinhamento automático dos EUA a Israel no conflito, o envolvimento direto, confirmado pelos ataques militares a instalações do programa nuclear iraniano em junho de 2025, corroboraram os padrões de amizade e inimizade na região. Além disso, coexiste o desafio de regimes internacionais, como o TNP, em promover a paz diante das relações de poder que caracterizam os Estados inseridos no conflito.

Ao lado dos EUA, o apoio dos países do G7³ ao direito de autodefesa de Israel se confirmou, a exemplo da declaração dos líderes do G7 quanto ao Irã ser “a principal fonte de instabilidade regional” e “jamais poder adquirir uma arma nuclear [existindo] uma necessidade urgente para uma solução negociada”^{xiii}.

O apoio do Ocidente ao direito de autodefesa de Israel não impediu, entretanto, que surgissem posicionamentos mais críticos de atores europeus em relação à emergência humanitária em Gaza provocada pelas incursões militares israelenses e bloqueios à ajuda internacional, reforçando a necessidade de uma solução de dois Estados.

3.3. Atores externos orientais: o posicionamento da China

A China tem buscado se posicionar enquanto um articulador das negociações de paz, assim como o fez nas negociações entre Arábia Saudita e Irã em 2023, sendo reconhecido como um ator relevante na diplomacia internacional. Nesse ensejo, o país asiático se posicionou como potencial conciliador das partes em conflito sob o objetivo de desescalar os ataques e prevenir seus efeitos adversos ao desenvolvimento da economia global. A motivação chinesa, no entanto, está atrelada a manutenção de seus interesses econômicos na região, com contratos e parcerias em tecnologia com Israel, além de diversos projetos no âmbito do *Belt and Road Initiative* (BRI) nos países do entorno^{xiv}.

A China é hoje um dos principais importadores de petróleo iraniano, responsável por importar quase 90% do recurso^{xv}. O volume é escoado por meio de operações de transbordo, alteração do sistema de GPS do navio e outras estratégias utilizadas para contornar as sanções comerciais impostas pelos Estados Unidos. Por sua vez, a China realiza a compra do produto sancionado a preços mais baratos do que os praticados no mercado, com uma redução de até 15% no preço do barril de origem iraniana.

A China também é um parceiro estratégico para os países da região, tendo estabelecido acordos de defesa e infraestrutura com Arábia Saudita, além da “parceria estratégica” com o Irã num período que compreende 25 anos. Além disso, Arábia Saudita, China e Irã colaboram em outras organizações e fóruns multilaterais, como a Organização de

³ O G7 é um bloco informal que reúne as seguintes democracias industrializadas: Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido.

Cooperação de Xangai (OCX) e os BRICS+. No âmbito militar, China, Rússia e Irã, realizam exercícios navais conjuntos, próximo ao Golfo de Omã. A cooperação entre as Marinhas, no âmbito do *Security Belt*, atingiu, por exemplo, seu quinto ano consecutivo.

Contudo, Pequim tem evitado realizar declarações mais duras à Israel ou mesmo mostrar suporte incondicional ao Irã sob o receio de perder influência no Oriente Médio e ser ofuscado pela presença dos Estados Unidos, com diversas bases militares na região, ativos de petróleo e gás, apoio tecnológico e logístico. Outro dilema está associado a um possível bloqueio do Estreito de Hormuz, que acarretaria uma restrição significativa do seu fornecimento de petróleo e maior dependência de outros parceiros, como a Rússia.

4. Impactos para o Mercado Brasileiro

O Brasil importou 282 mil bbl/dia de petróleo em 2024, representando 12% do volume processado nas refinarias nacionais; sendo um percentual elevado para a média dos últimos dez anos, porém, bem abaixo dos 22% registrados na década de 2000. A Arábia Saudita é o principal fornecedor desse petróleo importado, responsável por 1/3 do suprimento de petróleo de origem internacional na média dos últimos quatro anos.

Embora o óleo do Pré-sal tenha alcançado recorde acima de 70% na carga processada nas refinarias da Petrobras, o *blend* para determinadas refinarias brasileiras ainda depende de correntes de menor densidade e alta qualidade, como o Árabe Leve, capaz de produzir combustíveis de maior valor agregado.

Embora a experiência do mercado de petróleo indique movimentos como alterações de supridor, reordenamento de rotas comerciais e mudanças em operadores e sócios de ativos com relativa facilidade, um choque de mercado da dimensão do bloqueio do Estreito de Hormuz implicaria em uma busca em escala global por fornecedores alternativos.

Tamanha competição poderia trazer impactos ambíguos para o Brasil: reforçar o papel de *player* exportador de petróleo bruto e pressionar a mudança brusca de fornecedores da parcela de óleo importado necessário às refinarias nacionais.

Ao contrário do petróleo, o mercado de combustíveis apresenta desafios mais relevantes para a independência energética do País. A Gasolina A importada representa 8,5% das vendas internas – equivalente a 2,7 bilhões de litros em 2024 – e têm origem principalmente na Rússia e Países Baixos. O Diesel A importado, por sua vez, representa 25% das vendas internas – equivalente a 14,4 bilhões de litros em 2024 – e têm origem principalmente na Rússia e Estados Unidos.

As realidades de mercado desses combustíveis são contrastantes e indicam um risco superior ao fornecimento para o óleo diesel, no que diz respeito ao volume e à participação de mercado do produto importado. Considerando também que cerca de 5% do óleo diesel importado são oriundos de países do Golfo Pérsico – Emirados Árabes Unidos e Kuwait –, um bloqueio do Estreito de Hormuz implicaria em riscos para o Brasil.

Considerando que apenas uma pequena parcela de derivados importados pelo Brasil tenha origem no Golfo Pérsico, os *hubs* de refino geograficamente diversificados,

comparado às atividades E&P, oferecem alternativas ao suprimento nacional. Contudo, é necessário ressaltar os riscos do bloqueio do Estreito de Hormuz aos *hubs* de refino em geral e, indiretamente, seu impacto para o Brasil.

Dessa forma, os riscos geopolíticos associados ao agravamento das tensões no Oriente Médio atingem direta ou indiretamente o setor de energia no Brasil e permitem reflexões acerca da independência e segurança energética do país:

- Primeiro, valida-se a política energética e estratégias empresariais associadas que definiram como interesse nacional a busca pela autossuficiência em petróleo, considerando que tal condição é dinâmica e sua permanência depende da reposição de reservas e da melhoria do fator de recuperação.
- Segundo, ressalta-se a posição brasileira de supridor confiável e seguro de energia para o mundo, uma vez que a estabilidade política do país e o risco relativamente baixo de conflitos na América do Sul contribuem para a atração de investimentos e celebração de contratos.
- Terceiro, sinaliza-se a necessidade de diversificação de fornecedores externos de petróleo e derivados, reforçando o engajamento com países do entorno estratégico brasileiro como Angola, Gabão, Guiana e Nigéria no comércio de petróleo e alertando para a crescente dependência do diesel e gasolina importados da Rússia nos últimos dois anos.
- Quarto, reforça-se a importância de investimentos na eficiência do refino nacional, do cronograma de aumento de mistura de biocombustíveis nos equivalentes fósseis e da diversificação da matriz logística como estratégias complementares para minimizar a dependência da importação do óleo diesel.

Comentários Finais

Até a redação desse artigo, as tensões entre Irã e Israel desescalaram em razão do cessar-fogo em andamento. Desse modo, as percepções de mercado em torno de uma possível interrupção nos fluxos físicos de petróleo e gás se reduziram, apontando para uma contração profunda nos preços do petróleo. Reduzido o risco geopolítico, as condições vigentes de sobreoferta de petróleo e desaceleração da demanda contribuem para uma faixa de preços em US\$60-70 por barril.

No entanto, as tensões demonstraram a relevância não somente dos atores para o mercado global de energia, mas seu domínio sobre rotas marítimas estratégicas, que caso bloqueadas e/ou com acesso limitados, podem acentuar as fragilidades do mercado global no consumo de energéticos proveniente do Oriente Médio. Além disso, os ataques a plantas nucleares abrem uma nova prerrogativa no Sistema Internacional, que em caso de manutenção de enriquecimento de urânio para fins não-civis, há a possibilidade de intervenção militar de outras nações.

AUTORES



João Victor Marques Cardoso é Pesquisador da FGV Energia, com foco em estudos relativos à indústria de petróleo e gás, biocombustíveis e outras tecnologias de baixo carbono. Também é professor no MBA em Óleo, Gás e Transição Energética da FGV, entre outros cursos *in company* dessa instituição. Ao longo de sua carreira, também acumulou dez anos de experiência em análise geopolítica como pesquisador do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Concluiu o mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com ênfase em cooperação internacional para o desenvolvimento. O seu trabalho inclui artigos e capítulos de livros que se aprofundam em mudanças climáticas, transição energética, segurança energética, geopolítica da energia e políticas de descarbonização.



Luiza Gomes Guitarrari é Pesquisadora de Óleo, Gás & Biocombustíveis no Centro de Estudos de Energia da Fundação Getúlio Vargas (FGV ENERGIA). É Pós-Graduada em Gestão de Petróleo e Gás pela Fundação Getúlio Vargas. Analista de Defesa, Graduada em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente atua com ênfase em Inteligência de Mercado, Transição Energética e Geopolítica da Energia. Também atua como pesquisadora voluntária de Geopolítica da Energia pós-soviética no "Boletim Geocorrente", periódico quinzenal da Escola de Guerra Naval vinculada a Marinha do Brasil. Acumula 5 anos de experiência em análises de conjuntura da geopolítica de energia da região pós-soviética, com ênfase no mercado de gás das regiões do Cáucaso Sul, Estados Bálticos e Rússia.

REFERÊNCIAS

- ⁱ MOTAMEDI, Maziar. Who was Mohammad Reza Zahedi, an Iranian general killed by Israel in Syria?. AlJazeera. Publicado em: 02 abr. 2025. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2024/4/2/who-was-mohammad-reza-zahedi-the-iranian-general-assassinated-by-israel>>.
- ⁱ Quem foi Mohammad Reza Zahedi, o comandante da tropa de elite do Irã que Teerã disse ter sido morto por Israel. G1. Publicado em: 02 abr. 2025. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/04/02/quem-foi-mohammad-reza-zahedi-o-comandante-da-tropa-de-elite-do-ira-que-teera-disse-ter-sido-morto-por-israel.ghtml>>.
- ⁱ CHUGHTAI, Alia. Israeli fighter jets. AlJazeera. Publicado em: 26 jun. 2025. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2025/6/26/visualising-12-days-of-the-israel-iran-conflict>>.
- ⁱ Líder supremo do Irã, Ali Khamenei, diz que 'nada de significativo' aconteceu com instalações nucleares atingidas pelos EUA. BBC. Publicado em: 26 jun. 2025. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce3n4qej7zwo>>.
- ⁱ EIA, 2025. World Oil Transit Chokepoints. U.S. Energy Information Agency. Publicado em: 25 jun. 2025. Disponível em: <https://www.eia.gov/international/analysis/special-topics/World_Oil_Transit_Chokepoints>.
- ⁱ MARINI, Amanda. Impactos Geopolíticos às rotas marítimas de energia no Oriente Médio. Caderno de Geopolítica da Energia de Baixo Carbono e seus impactos para a transição energética no Brasil. FGV ENERGIA. Publicado em: 05 ago. 2024. Disponível em: <<https://fgvenergia.fgv.br/publicacao/caderno-fgv-energia-de-geopolitica-da-energia-de-baixo-carbono-e-seus-impactos-para>>.
- ⁱ EIA, 2025. World Oil Transit Chokepoints. U.S. Energy Information Agency. Publicado em: 25 jun. 2025. Disponível em: <https://www.eia.gov/international/analysis/special-topics/World_Oil_Transit_Chokepoints>.
- ⁱ ENERGY INSTITUTE, 2025. Statistical Review of World Energy, 2025. Publicado em: jun. 2025. Disponível em: <<https://www.energyinst.org/statistical-review>>.
- ⁱ FGV ENERGIA, 2025. Informe de Óleo, Gás e Biocombustíveis, Maio de 2025. FGV ENERGIA. Publicado em: 26 jun. 2025. Disponível em: <<https://fgvenergia.fgv.br/publicacao/informe-de-oleo-gas-maio2025>>.
- ⁱ Ministry of Foreign Affairs of the Kingdom of Saudi Arabia (@KSAmofaEN). *The Kingdom of Saudi Arabia expresses its strong condemnation and denunciation...* (X). Publicado em 13 de junho de 2025, às 01:32 am. Disponível em: <https://x.com/KSAmofaEN/status/1933381978138493065?t=Bjd6hDoOnBSjNqFBMkg_aA&s=19>.
- ⁱ Recep Tayyip Erdoğan (@RTErdogan). *İsrail, Gazze başta olmak üzere bölgemizi kana...* (X). Publicado em 13 de junho de 2025, às 08:08 am. Disponível em: <<https://x.com/RTErdogan/status/1933481551037166055?t=L5Je1TcQrUQ7p2pibV4ZNA&s=19>>.
- ⁱ Al Jazeera. *Why Saudi Arabia and Israel oppose Iran nuclear deal*. Publicado em 14 de abril de 2015. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2015/4/14/why-saudi-arabia-and-israel-oppose-iran-nuclear-deal>>.
- ⁱ EUROPEAN COMMISSION. G7 Leaders' statement on recent developments between Israel and Iran. Publicado em 16 de junho de 2025. Disponível em: <https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/statement_25_1523>.
- ⁱ HALE, Erin. Israel-Iran conflict exposed China's 'limited leverage', say analysts. AlJazeera. Publicado em: 26 jun. 2025. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2025/6/26/israel-iran-conflict-exposed-chinas-limited-leverage-say-analysts>>.
- ⁱ FGV ENERGIA, 2024. Informe de Óleo, Gás & Biocombustíveis, Abril 2024. FGV ENERGIA. Publicado em: mai. 2024. Disponível em: <https://fgvenergia.fgv.br/sites/fgvenergia.fgv.br/files/informe_og_-_abr_v3.pdf>.
- ⁱ ABOUDOUH, Ahmed. The Israel-Iran ceasefire is a relief for China. But the war exposed Beijing's lack of leverage. Chatham House. Publicado em: 30 jun. 2025. Disponível em: <<https://www.chathamhouse.org/2025/06/israel-iran-ceasefire-relief-china-war-exposed-beijings-lack-leverage>>.